

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

LISBOA

29, Rua das Gaveas, 31

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Augusta Holmès — A musica allemã julgada por M.<sup>me</sup> Staël — Chronica Portuense — Escola de Musica de Camara — Concertos — Antonio Lamas — Noticiario — Bibliographia — Necrologia.

## AUGUSTA HOLMÈS

Naturalisada franceza e considerada effectivamente como uma das dilectas filhas da arte musical em França, nasceu Augusta Mary Anne Holmès na Irlanda, cerca de 1847.

Vinda em creança para Paris, já aos 11 annos era pianista e se estreiava como compositora, escrevendo uma marcha que a banda dos artilheiros da guarda executou. Mais tarde escrevia seriamente varias melodias para canto, as primeiras das quaes foram publicadas sob o pseudonymo de *Hermann Zenta*.

Em 1874 apresentou uma opera n'um acto, *Hero e Leandro*, cujo poema ella mesma escreveu tambem; cantou-se no theatro Chatelet, sendo a auctora apostraphada de wagneriana, o que n'aquelle tempo era quasi um crime em França.

O psalmo *In exitu*, para côros e orchestra, que já tinha apresentado em 1873 e um *Andante pastoral*, que se executou nos concertos Colonne em 1876 (14 de janeiro), deram-lhe reputação de compositora apreciavel.

Com o poema symphonico *Luctecia* ob-

teve em 1878-79 menção honrosa no curso ao premio da cidade de Paris, e no anno seguinte deram-lhe igual classificação ao poema *Argonautas*. Em ambos foi Augusta Holmès auctora do poema como da musica.

A segunda composição, que uma pequena maioria de votos impediu de ser-lhe concedido o primeiro premio, foi executada com grande exito nos Concertos Populares di-

rigidos por Pasdeloup, e o publico reparou a injustiça do jury, applaudindo com enthusiasmo a compositora-poetisa.

Outros poemas symphonicos de Augusta Holmès teem sido igualmente applaudidos, como *Les Sept Ivresses*, *La Montagne noire*, etc., além de numerosas melodias vocaes que teem sido publicadas.

Para o encerramento da Exposição Universal de 1879 escreveu uma *Ode triumphal*, cuja execução foi uma das mais imponentes manifestações espectaculosas rea-

lisadas n'aquelle exposição.

A proposito d'essa obra, o abalisado critico Camille Bellaigue fez a seguinte apreciação da auctora:

«De M.<sup>me</sup> Holmès, as pequenas composições são por vezes de fino gosto; mas as grandes tornam-se frequentemente grosseiras ou empoladas. Mesmo quando n'ellas se encontra Massenet (o que succede), é Massenet engrossado; Massenet ainda feminino, mas para mulher gigante.»





## A musica allemã julgada por Madame de Staël

Por nos parecer que não destoará da indole d'esta publicação, sendo por si mesmo digno de rememorar-se, ainda que não obtenha, como é possível, universal consenno, damos a traducção do juizo que madame de Staël deixou estampada no seu notavel livro «De l'Allemagne», ácerca da musica d'este paiz.

E' a seguinte:

«Sobresahem os allemães na musica instrumental, estando-lhes tanto a character os conhecimentos que esta arte exige, e a paciencia que é precisa para bem a executar. Teem tambem compositores dotados de imaginação sobre modo fecunda e variada.

Uma objecção unica farei ao seu genio, emquanto musicos; — acho que instillam em suas obras «espirito» em demasia; reflectem de mais no que fazem (1).

Nas bellas-artes carece-se antes de instincto do que de pensamentos; os compositores allemães acompanham o sentido das palavras com demasiado escrupulo, grande merito, não soffre duvida, no sentir dos que preferem as palavras á musica, não sendo para negar-se que o desaccordo entre o que umas dizem e a outra exprime é, com effeito, intoleravel. Os italianos, porém, que são os verdadeiros musicos da natureza, não conformam as arias ás palavras senão de uma maneira geral. Nos «romances», nos «vaudevilles», producções em que a musica não abunda, o pouco que ha póde submeter-se ás palavras; já não assim nos grandes effeitos melodicos, em que se torna preciso impressionar a alma por uma sensação immediata.

Aquelles que não amam a pintura em si mesma, ligam grande importancia aos assumptos dos quadros; como que queriam que elles lhes traduzissem as impressões que as scenas dramaticas produzem. O mesmo acontece com a musica, quando ella medio-

cremente nos impressiona: exige-se-lhe fiel conformidade com as palavras e seus mais subtile subentendidos. Que, se ella nos faz vibrar as mais intimas cordas d'alma, toda a attenção prestada ao que não é ella, não passará de ser importuna distracção.

Comtanto que entre o poema e a musica se não dê opposição, entregar-nos-hemos de todo á arte que deve levar sempre a melhor a todas as outras, porque o delicioso enlevo em que nos absorve, reduz a nada os pensamentos que as palavras podem exprimir. Accordando em nós a musica o sentimento do infinito, tudo que tenda a particularisar o objecto da melodia deve diminuir-lhe o effeito.

Gluck, pelos allemães considerado, com razão, entre os seus homens de genio, soube adaptar por maravilhoso modo o canto ás palavras, e em muitas das suas operas rivalisou com o poeta, pela expressão que imprimiu á sua musica.

Quando «Alcestes» resolve morrer por «Admêto», e que tal sacrificio, secretamente offerecido aos deuses, lhe tornou o esposo á vida, o contraste dos cantos jubilosos que celebram a convalescença do rei com os surdos gemidos da rainha condemnada a t'heixal o, é do maior effeito tragico.

Orestes, em «Iphygenia em Taurida», diz: — «A minha alma revê o socego», e a aria que Orestes canta exprime este sentimento. O acompanhamento, porém, d'esta aria, é sombrio e agitado. Os musicos, que não comprehendiam tal contraste, queriam suavisar o acompanhamento; Gluck, irritado, gritava-lhes: — Não façam caso do que diz Orestes. Se diz que está socegado, mente!

Le Poussin, pintando umas dansas de pastores, collocou na paisagem o tumulo de uma joven, com o epitaphio seguinte: «Tambem eu vivi na Arcadia». N'esta maneira de conceber as artes ha, como nas engenhosas combinações de Gluck, um pensamento, decerto, mas as artes absorvem o pensamento, a sua linguagem são as côres, as fórmulas ou os sons. Se fosse possível figurar as impressões de que a nossa alma pudesse ter sido susceptivel, antes de ter conhecido a palavra, melhor se conceberia o effeito da pintura e da musica.

De todos os musicos, o que porventura desenvolveu mais «espirito» na talentosa ligação da musica com as palavras, foi Mozart.

Este mestre faz sentir, e principalmente no «Festim da Pedra» (1), todas as grada-

(1) Como se verá, a auctora emprega frequentes vezes n'esta critica o sub. masc. «espirit.»

Entendeu-se que a intenção apropriada ao pensamento que dicta este vocabulo, é a de o tornar equivalente a «faculdade de concepção», especie de accepção propria do idioma.

Alguns diz a mesma escriptora, em corroboração d'esta intelligencia: «L'esprit qui conçoit est doué de la faculté de bien voir.»

Sempre, pois, que o vocabulo se apresenta, o damos tal qual, não devendo parecer mais advertidos do que o foi a propria auctora, pretendendo explanar a intenção com que ella o empregou.

(1) O livro «De l'Allemagne» foi entregue pela auctora ao seu editor em 1810, epocha em que a obra prima do grande compositor allemão não tinha ainda recebido o titulo definitivo de «Don Giovanni», segundo os italianos, ou «Don Juan», segundo os hespanheses.

ções das scenas dramaticas; o canto é re-passado de alegria, emtanto que o acompanhamento, retumbante e estrambotico, parece querer indicar o assumpto sombrio e phantastico da peça.

Esta alliança espiritual do compositor com o poeta proporciona tambem um genero de prazer; prazer, porém, que nasce da reflexão, e não pertence á esphera maravilhosa das artes.

Ouvi em Vienna a «Creação», de Haydn, executada por quatrocentos instrumentistas, digna festa em honra da obra que celebravam. Haydn, porém, prejudica algumas vezes o seu talento pelo «espirito» de que dispõe. A estas palavras do texto: «Deus disse: faça-se a luz, e a luz foi feita», os instrumentos que, primeiro, mal se faziam ouvir, desferiam todos de repente um som medonho e ruidoso, indicador do raiar do dia. Por isso, um epigrammatico advertiu: «Tenham cuidado! Quando apparecer a luz, tapem os ouvidos!»

Em muitas outras passagens da «Creação», a mesma «preocupação de espirito» dá materia a mais de uma reprovação. Arrasta se a musica, em sendo creadas as serpentes; torna-se brilhante, ao cantar dos passarinhos, e nas «Estações», do mesmo Haydn, taes allusões multiplicam-se. Effeitos d'esta guisa preparados, são «concetti», por musica.

Podem, sem duvida, certas combinações da harmonia relembrar as maravilhas da natureza, mas taes analogias nada teem que vêr com a imitação, que nunca será senão uma facticia futilidade.

A imitação e a expressão, em bellas-artes, differem consideravelmente. Penso que se está, em geral, de accordo, para excluir a musica imitativa, mas restam sempre duas maneiras de vêr, no tocante á musica expressiva.

Uns querem achar n'esta especie de musica a traducção das palavras; outros, e com estes os italianos, contentam-se com a relação geral entre as situações do poema e a intenção das arias, fazendo consistir os prazeres da arte tão só na propria arte.

A musica dos allemães é mais variada que a dos italianos, e n'isto acaso, está o ser menos boa; o *espirito* anda, na primeira, condemnado á variedade; é a sua miseria a causadora. As artes, porém, como o sentimento, teem uma admiravel monotonia, e d'ella quizeramos todos fazer um momento eterno.

Na Allemanha, a musica religiosa é menos bella do que na Italia, porque a instrumentação domina-a sempre.

Após ter-se ouvido em Roma o *Miserere*

a vozes sómente, toda a musica instrumental, sem exceptuar a da capella de Dresde, parece terrestre. Os violões e os instrumentos de metal fazem parte d'esta capella, durante o serviço divino. A musica parece, pois, mais guerreira do que religiosa. As vivas impressões que ella provoca, em contraste com o recolhimento do sanctuario, não são agradaveis. Não se deve animar a vida nos dominios do sepulchro; a musica militar leva-nos ao sacrificio da existencia, mas não ao seu desprezo.

A musica da capella de Vienna merece tambem ser gabada; entre todas as artes que os viennenses apreciam, a musica tem a primazia, o que nos leva a esperar que os viennenses venham um dia a ser poetas, visto como quem quer que amar a musica é entusiasta, sem o saber, de tudo o que ella faz lembrar.

Ouvi em Vienna o *Requiem* composto por Mozart alguns dias antes de fallecer, e que foi cantado na egreja no dia das exequias do grande compositor. Esta peça funebre não é bastante solemne para a situação; n'ella se encontrará ainda aquelle *quid* de engenhoso que predomina, aliás, em toda a obra de Mozart. No emtanto, que haverá ahi de mais commovente, do que um homem de superior talento, que celebra assim os proprios funeraes, inspirado a um mesmo tempo pêlo sentimento da sua morte e pelo da sua immortalidade!

Recordações da vida devem constituir a ornamentação dos tumulos; as armas de um guerreiro ficam ahi bem; as obras primas da arte causam uma impressão solemne no templo onde repousam os restos do artista.

TR. DE G. DE B.



## CHRONICA PORTUENSE

Quem sente dentro de si o verdadeiro amor da arte não tem o direito de recusar o seu esforço, embora elle seja reconhecida-mente debil e modesto, para o impulsio-mento da obra que a dedicação e o sacrificio de outros tão intelligentemente emprehende ram e tão brilhantemente realisaram, em prol da arte e dos artistas. Estas palavras explicam aos illustrados leitores da *Arte Musical*, que o apparecimento d'esta secção não representa para elles o brilhantismo de coloridos periodos da mais requintada fórma litteraria, nem sequer o interesse das novidades artisticas á *sensation*, que não podem brotar d'uma chronica provinciana. O Porto nunca teve cotação artistica perante os go-

vernos e portanto menos a poderá ter entre o publico lisbonense, muito afastado de nós em taes assumptos. Não acontece felizmente o mesmo com os artistas da capital, que em extremos de gentileza e em provas constantes de delicada confraternisação se esforçam por attenuar a mancha do despresivel esquecimento a que os poderes publicos votaram esta cidade, que não tem uma escola de musica e quando precisa de constituir uma orchestra, vaé buscar a Hespanha metade dos executantes. Foi portanto a consequencia d'uma das gentilezas a que alludi, a appareição da presente chronica e das que vão seguir-se-lhe, tão amavel e finamente foi lançado o convite para ellas pelo illustrado e infatigavel director d'esta revista, que allia ás suas excepçoes qualidades de propagandista o mais elevado sentimento pela arte seria. Artista de coração, como é, não póde deixar de viver no culto da sala de concerto, esse purissimo ambiente, que rareia no Porto, substituido pela sala de café. Doloroso é confessal-o, mas é incontestavel que as salas de concerto se despoçam aqui, surgindo a cada canto um café com musica. estabelecimentos amplos, luxuosamente montados, onde é difficil encontrar um lugar devoluto até certas horas da noite, e aonde a multidão, respirando o ar empestado pelas densas nuvens de fumo que se alastram pelo recinto, deleita o seu espirito com a audição de *pot pourris* da Lucia e do Machbeth, intercallados com trechos de zarzuellas *chicas* e valsas de Waldteufel.

E todavia, em alguns d'esses cafés ha artistas com valor para mais gloriosas empresas, que teem de sacrificar o seu gosto e o seu merito na transigencia forçada pelo sentimento esthetico, rudimentar, da maioria dos frequentadores, que não teem pejo de junctar á reclamação sobre a qualidade do café, a formidanda reprimenda pela qualidade... da musica. E' certo porém, que onde não existe uma vida theatral permanente e onde os concertos remunerados são verdadeiramente raros, o instrumentista tem de acceitar o trabalho que se lhe offerece, principalmente quando a paga d'esse trabalho é superior nos cafés á dos theatros, que retribuem quasi miseravelmente os artistas musicos. Para regularisação d'este assumpto sabemos ter havido já algumas reuniões de artistas que pretendem lançar a idéa de uma associação de professores de orchestra.

Depois dos dois magnificos concertos realísados pelo eminente *virtuose* Vianna da Motta, e dos quaes não fallo, porque ahi o tiveram e applaudiram quasi nas mesmas

peças, nada mais se fez aqui em musica digno de especial menção a não ser o concerto organizado pelo tenor Gaspar do Nascimento, que tendo vivido no Porto, ha bastantes annos se retirou para o Brazil onde tem feito carreira e adquirido fortuna. E' um sympathico artista que não pudemos ouvir, mas que nos informam ter obtido um bom acolhimento dos seus patricios e numerosa concorrencia á sua festa.

E com a sahida para as estancias d'aguas, podem considerar-se terminados por esta epoca os concertos no Porto, não havendo por emquanto preparativos senão para a constituição da orchestra do theatro de S. João. Já teem sido convidados os nossos principaes artistas, mas é de crêr que tenham ainda de ser contratados em Hespanha bastantes instrumentistas, como no anno anterior, em que vieram cerca de 30. Eis um caso digno da consideração dos artistas lisbonenses, com aptidões, que não tenham contracto para a proxima temporada de inverno, pois muito mais interessaria á empreza Féréal ir buscar os seus artistas a Lisboa, do que ao estrangeiro. A tal ponto chegou a nossa pobreza artistica, que já não conseguimos vêr no nosso theatro lyrico uma orchestra completamente formada por elementos da terra, como n'outros tempos, que se não afastam ainda tanto que não permitam lembrar saudosamente a grande numero de *habitués* os nomes consagrados de muitos dos que a compunham.

Porto. — Junho, 1902.

ERNESTO MAIA.



## ESCOLA DE MUSICA DE CAMARA

Terminaram por esta epoca os trabalhos do intemerato grupo de musicos, que, durante os oito primeiros mezes de tão proveitoso exercicio, mostraram á evidencia como se pode trabalhar em Arte, quando haja a precisa honestidade e sisudez e quão proficuos resultados se obteem com a tenacidade teimosa de quem tem a consciencia de lutar por uma boa causa.

Não entrou decerto no espirito dos promotores d'um tão brilhante cyclo de concertos, como os que a Escola proporcionou aos seus subscriptores, uma parcella sequer d'esse vão orgulho, em que o objectivo da Arte é tantas vezes amesquinhado em favor d'um ridiculo combate de individualidades e em que, portanto, a preoccupação do agrado publico aniquila e supre toda a preoccupação d'ideal.

Nenhum dos paladinos d'esta boa cruzada ignora decerto que o trabalho feito é apenas o modesto inicio d'um emprehendimento, cuja vastidão e alcance se ha de pôr mais tarde em evidencia.

Todos estão mesmo convencidos de que se muito ha feito, muito falta ainda a fazer — mas o esforço até aqui empregado mostrou-se tão consciencioso e tenaz, e ainda tão seriamente orientado, que se justifica um tal ou qual desvanecimento pelos resultados tão galhardamente obtidos e um legitimo ardor para o proseguimento de uma propaganda que todos foram unanimes em considerar valiosissima.

Bem desejaríamos historiar o movimento artistico da Escola durante o primeiro periodo da sua existencia, mas é trabalho que o presente numero não comporta, por intransigente escassez de espaço.

Temos que limitar-nos por agora a apresentar a resenha das obras executadas nos nove concertos da Escola, e a lista das pessoas que n'elles tomaram parte, reservando para outro numero algumas considerações que reputamos interessantes, e o projecto para as futuras series de concertos que a mesma Escola tenciona realisar.

As obras executadas foram as seguintes: HAENDEL (1685-1759), Concerto para oboé, com acompanhamento de quintetto de cordas.

HAYDN (1732-1809), Quartetto VIII para cordas.

MOZART (1756-1791), Sonata n.º 11 para piano e violino; Trio op. 14 n.º 2 para piano, violino e violeta; Quartetto em *sol menor*, para piano, violino, violeta e violoncello.

BEETHOVEN (1770-1827), op. 111. Sonata de piano; op. 30, n.º 2, Sonata para violino e piano; op. 30, n.º 3, Sonata para violino e piano; op. 18, n.º 4, Quartetto para cordas; op. 16, Quintetto para piano, oboé, trompa, clarinete e fagotte; op. 20, Septimino para violino, violeta, violoncello, contra-baixo, clarinete, fagote e trompa.

K. M. DE WEBER (1786-1826), op. 8, Quartetto para piano, violino, violeta e violoncello.

KUHLAU (1786-1832), op. 103, Quartetto de flautas.

FRANZ SCHUBERT (1797-1828), op. 125, n.º 1, Quartetto para cordas.

MENDELSSOHN (1809-1847), op. 4. Sonata para violino e piano; op. 1, n.º 1, Quartetto para piano e cordas; op. 87, Quartetto para cordas

NIELS GADE (1817-1890), op. 42, Trio para piano, violino e violoncello.

CESAR FRANCK (1822-1890), Sonata para violoncello e piano; a mesma para violino e piano.

KARL REINECKE (1824), op. 188, Trio para piano, oboé e trompa.

SAINT-SAENS (1835), op. 41, Quartetto para piano e cordas.

EDWARD GRIEG (1843), op. 45, Sonata para violino e piano.

KLUGHARDT (1847), op. 43, Quintetto para piano e cordas.

B. GODARD (1849-1895), Trio em *fa* para piano, violino e violoncello.

Foram os seguintes os executantes:

*Piano* — D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, José Vianna da Motta, Louis Livon e Michel'Angelo Lambertini.

*Violino* — Bernardo V. Moreira de Sá, Cecil Mackee, D. Francisco Benetó e Miguel Ferreira.

*Violoncello* — M. Loevensohn e D. Luiz da Cunha e Menezes.

*Violeta* — Antonio Lamas e Miguel Ferreira.

*Contrabaixo* — J. E. da Cunha e Silva.

*Flauta* — Dr. Ferreira Cardoso, José Ferreira da Silva Junior, Ernesto Vieira e José Henrique dos Santos.

*Oboé* — Arthur da Fonseca

*Clarinete* — Severo da Silva.

*Trompa* — Manoel Tavares.

*Fagote* — João Manoel Gonçalves.

Em novembro proximo proseguirão estes interessantes trabalhos, para o que não serão desperdiçados os mezes que decorrem até ao outomno, durante os quaes não serão descurados os estudos individuaes e collectivos do nucleo musical da Escola.

Foi já renovado o contracto com o illustre e distinctissimo violinista hespanhol D. Francisco Benetó, discipulo laureado do Conservatorio de Paris, e que tanto como executa *hors ligne*, como professor emérito é a mais brilhante aquisição que a Escola de Musica de Camara podia realisar.

## CONCERTOS

Na noite de 17 do corrente junho teve lugar o nono concerto, (ultimo da primeira serie) da Escola de musica de camara.

Com a regularidade que presidiu a todos os saraus de musica, realizados por esta activa e zelosa instituição musical executou se na integra o programma que inserimos no ultimo numero.

O quartetto de Beethoven, conhecido como «dos amadores», a cargo dos srs. Benetó e Miguel Ferreira (violinos), Lamas

(viola) e D. Luiz da Cunha (cello), produziu excellente impressão no auditorio que sublinhou com os seus applausos cada um dos quatro tempos em que se divide, e mormente o ultimo (allegro), mais suggestivo ou de effeito mais impressionante.

Da sonata de Mozart, em sol, n.º 11, das que o grande musico escreveu para piano e violino, podemos dizer ter sido o grande acontecimento d'este concerto. Jamais o illustre Mozart se elevou a maior culminancia do que aquella attingida n'este formosissimo trecho. A grande e intensa belleza do trecho acompanha o *cachet* inconfundivel do estylo musical do grande compositor. Se os dois primeiros tempos — adagio e allegro — que se succedem sem soluçãõ de continuidade, são notabilissimos, o terceiro: *andantino con variazoni*, encerra em si o cumulo da belleza e da suggestãõ, conjunctamente com o requinte da delicadeza e gosto a par da grande difficuldade que reveste a sua execuçãõ.

N'este formoso numero Lambertini e Mackee deixaram-nos a mais profunda e gratissima impressãõ. Na traducçãõ do estylo de Mozart requer-se larga intelligencia e intuiçãõ dos interpretes, afim de que se não exceda nunca a maneira simples e natural do compositor, nem se amesquinhe ou apiegue exageradamente o que deve ser sempre a expressãõ peculiar e caracteristica. Encontrar esse justo meio termo é o *quid* da interpretaçãõ devida e exacta.

A sonata é principalmente do piano, o qual tem a maxima parte da responsabilidade em toda ella, mas principalmente no ultimo tempo, o mais desenvolvido.

Precisamente a execuçãõ de Lambertini foi correspondente á sua notavel virtuosidade, e adoraçãõ que professa por Mozart, um dos seus aucthores predilectos.

Mackee que se apresentava n'este trecho, apoz a sua ultima viagem, revelou nos quanto a sua vocaçãõ de primeira ordem ganhou e aproveitou com as lições do famoso Thomson. O violino em que tocava, excellente exemplar de Santo Serafino, por elle adquirido ultimamente, possui som adoravel, suave e intenso, obedecendo com precisãõ inegalavel ao esforço minimo que sobre elle exerce o arco. Mackee foi muito applaudido e festejado, como o seu illustre camarada d'execuçãõ.

O terceiro e ultimo numero do concerto era o quintetto de Mendelssohn, op. 87, que com tão grande exito se executara na 8.ª sessãõ, de 1 de junho. Foi maravilhosa na verdade a execuçãõ, por cada um dos cinco interpretes do trecho. Foi bisado o *andante scherzando*, e delirantemente applaudido o

*adagio e lento*, onde Benetó se affirma como um grande e superior concertista de violino.

Tanto o programma d'este ultimo concerto, como o dos precedentes, foram organisados com tanto escrupulo quanta competencia na selecçãõ. Revelaram que o intuito dos promotores d'esta utilissima missãõ musical era — antes de tudo — a seriedade profissional, e o vivo desejo de fazerem caminhar a *Arte*, procurando acompanhar e seguir o movimento a exemplo dos grandes centros musicas do Extrangeiro. Os resultados obtidos devem tel-os animado a proseguir intemeratamente, deixando de lado quaesquer más vontades a pequeninas invejas, que não podem attingir a esphera elevada das suas altruistas aspirações.

V. F. B.

\*

Madame Nadina Bulicioff-Caldeira, e seu esposo Innocencio Caldeira, de passagem no Porto, terra de naturalidade do sr. Caldeira, fizeram-se ouvir n'uma *soirée* intima, em que tiveram ensejo de patentear ao pequeno, mas escolhido auditorio, os vastos dotes e qualidades que possuem como artistas lyricos de canto, de provadissimo merito.

Madame Bulicioff além de varias melodias de Gounod, e da *Habanera* da *Carmen*, a pedido, cantou ainda algumas canções e trovas populares com letra portugueza. Seu marido fez-se ouvir na *preghiera* do 1.º acto da *Hebrea*, e romanza do *Simão Bocanegra*, que já lhe ouvimos no sarau de 11 de junho na Sociedade de Geographia.

Os jornaes do Porto, especialmente o *Jornal de Noticias*, que publicou os retratos e esborço biographico dos dois conjugues artistas são prodigos de elogios aos seus brilhantes requesitos, dando a entender que na proxima estaçãõ lyrica do theatro de S. João do Porto devam ser escripturados nos respectivos postos de soprano dramatico e baixo *d'obliquo*. Parece-nos tambem que seria excellente o contracto dos dois festejados e notaveis cantores, para o theatro lyrico do Porto.

\*

Na noute de 19 de junho realisou se no *Orpheon Portuense* uma sessãõ musical, promovida pelo tenor Gaspar do Nascimento, que se fez ouvir em oito numeros de canto, dos quaes bisou ainda alguns d'elles.

Tomaram parte igualmente os distinctos professores Carlos Quilez, Miguel Alves e Xisto Lopes, abrilhantando e variando o programma.

\*

No dia 24 de junho, pelas duas horas da

tarde, houve em casa de Madame Palmyra Baptista Mendes uma sessão de piano, na qual, em brilhante certamen, se fizeram ouvir grande numero de jovens e esperanças pianistas. O programma dividido em duas partes compunha-se de trechos escolhidos de Weber, Schumann, Tschaikowski, Dussek, Mendelssohn, Grieg, Heller, Dubois, Chaminade, Scharwenka, Godard, Chopin, Bizet, Beethoven, Alkan, Rameau, etc.

Fóra do programma, e de surpresa, cantaram a eximia amadora D. Sarah Motta Vieira Marques, e Madame Laura Sauvinet Bandeira, sendo ambas muito applaudidas pelo intelligente auditorio que accorrera ao convite da illustre professora e pianista Madame Baptista Mendes.

## GALERIA DOS NOSSOS

Antonio Lamas



*Para traçar o perfil d'este sympathico vulto de amator-artista, tão justamente querido em todos os nossos centros d'arte, quasi seria preciso esboçar a monographia do doce e suggestivo instrumento que elle tão amorosamente cultiva—a violeta.*

*Por arrojada que pareça esta confrontação do musico com o instrumento por elle executado, é certo que ha no caso presente curiosas afinidades entre um e outro—a mesma tinta suave no caracter, a despretenção com que um e outro se esquivam a evidencias vistosas, a sisudez, a ductilidade, a nobreza levemente melancolica, que são outras tantas características do feitio moral e artistico do tocador e constituem egualmente a feição dominante do seu dilecto instrumento.*

*Allia ainda Antonio Lamas a esses primores de caracter, uma brilhante vocação de musico, uma tenacidade rara no trabalho e um ardor insaciavel e constante de melhorar e progredir.*

*E não exagero, creio eu, afirmando que com duas duzias de homens d'este bom aço, talvez vissemos em poucos annos levantar esta desgraçada terra do marasmo musical em que penosamente se vae arrastando.*

SCHAUNARD

## NOTICIARIO

Do paiz

A Real Academia de Amadores de Musica, em commemoração do seu centessimo concerto, realisado na noite de 11 de junho, e de que demos noticia no passado numero, publicou um interessante e bem redigido opusculo, no qual se contem os programas completos dos cem concertos effectuados, lista dos membros effectivos da orchestra, solistas, e de todos os elementos que concorreram para abrilhantar essas variadas e numerosas sessões musicas.

Para a futura historia d'esta prestante Academia, seria indispensavel recorrer a elementos dispersos, e já hoje difficeis de encontrar. Essa lacuna está cabalmente preenchida com a publicação do presente opusculo, que nos produziu a melhor impressão, e do qual, penhorados, agradecemos o exemplar que nos foi remettido.

Começa n'este numero a sua prestante e valiosa collaboração, o nosso bom amigo e intelligente professor de musica portuense sr. Ernesto Maia. Agradecendo o seu amavel quanto importante subsidio, julgamos poder congratular-nos com os nossos leitores pela aquisição de tão brilhante collaborador.

Inaugurou se o Jardim Foz, se bem que as intemperies do tempo tenham mallogrado por alguns dias o andamento regular das funcções ao ar livre.

Entre outras novidades apresentadas na estreia, ha a de um sextetto de artistas hespanhoes, tres dos quaes, primeiro violino, contrabaixo de corda e trompa, fazem parte da Sociedade de concertos de Madrid, e são, segundo nos affirmam artistas de apreciaveis recursos

O boletim mensal da «Scola Cantorum», de Paris, relativo ao mez de abril, distribuiu fóra do texto um motete de Fr. Manuel Cardoso, notavel compositor de musica sacra, portuquez, que viveu de 1570 a 1650.

E' uma tentativa de vulgarisação curiosissima, e de que Portugal deve sentir-se orgulhoso. Deve-se ao esforço laborioso e tenaz do nosso talentoso compatriota Francisco de Lacerda, actualmente estudando em Paris na «Scola», e onde gosa da maxima consideração, a publicação referida, bem como o conhecimento d'este e d'outros illustres compositores portuquezes, comple-

tamente desconhecidos n'aquelle importante centro artistico da capital da França, anteriormente á propaganda emprehendida com tão louvavel zelo pelo sr. Lacerda.

Accrescentemos que Fr. Manuel Cardoso foi religioso carmelita em Lisboa, e que as suas composições são geralmente estimadas sob o ponto de vista polyphónico.

— Cabe ainda aqui dizer que o nosso illustre compatriota, que hoje pertence ao corpo docente do grandioso estabelecimento de ensino musical existente em Paris, sob o titulo de «Scola cantorum», teve occasião de evidenciar-se ultimamente por uma fórma scintillante, nos concertos escolares, com que se encerraram os cursos

A classe de «Ensemble vocal», a cargo de Francisco de Lacerda, apresentou brilhantes provas em 16 d'este mez, e, poucos dias depois, a 21, mostrava-se ainda o nosso illustre amigo a dirigir fragmentos de symphonias de Beethoven e outras obras de alta musica orchestral.

Felicitemol-o cordealmente pelos seus brilhantes successos.

No ultimo numero do «Occidente», que como temos dito, está publicando a continuação do eruditissimo trabalho do conselheiro Francisco da Fonseca Benevidés sobre o «Real Theatro de S. Carlos», vem uma larga referencia á vinda a Lisboa da Orchestra Philharmonica de Berlim e aos concertos que aqui se realisaram

Agradecemos sentidamente ao douto professor e homem de letras as calorosas palavras de louvor que dispensa ao director do nosso quinzenario, pela sua intervenção na vinda da famosa orchestra, e a transcripção de artigos nossos sobre o mesmo assumpto.

Recebemos directamente noticias de Leipzig, que nos dão minuciosos pormenores do aproveitamento e progressos obtidos pela talentosa violoncellista D. Guilhermina Suggia, que actualmente, n'aquella cidade, segue o curso de violoncello do grande professor, compositor e concertista d'esse instrumento, Julio Klengel.

Os resultados alcançados são por tal fórma elevados e grandiosos, que Klengel convenceu-a a permanecer em Leipzig durante o periodo de verão, a fim de não interromper as lições e poder apresental-a publicamente no proximo inverno, conforme elle entende dever fazer, sem embargo da seriedade de tal apresentação, n'um meio onde pullulam as celebridades.

Findou o primeiro anno de estudo, e como a distincta estudante seja subsidiada

pelo governo portuguez, o professor Klengel passou o mais honroso attestado ácerca do talento e aproveitamento da sua discipula, pela qual professa tão disvelado interesse quanta elevada estima.



## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos os dois primeiros numeros da «Revista do Conservatorio», de que annunciamos a publicidade no nosso numero passado, ao mesmo tempo constatando a, para nós extranha, ausencia de recepção.

No primeiro numero encontrámos um bem redigido artigo do sr. Antonio Arroyo sobre a «Interpretação dos grandes musicos.» N'elle o sr. Arroyo trata largamente e muito principalmente, da interpretação devida ás symphonias de Beethoven, «cuja arte, do terceiro estado, sendo universal, é a que mais facilmente melhor interpretam as orchestras, e mesmo os varios executantes, em geral.» E' esta a sumula do longo e erudito artigo, que accusa mais uma vez a indole estudiosa do sr. Antonio Arroyo, e a sua especial identificação com o grande Beethoven.

\*

Recebemos igualmente o 2.º numero da «Revista Musical», cujo inicio annuciamos no passado numero. E' como o precedente, magnificamente redigido, muito variado e interessante. N'este numero segue a publicação dos interessantes artigos ácerca do «Theatro da elite e seu futuro», e da «Fórma em Arte.»



Por absoluta falta de espaço tivemos de retirar no presente numero, alguns artigos e noticias sobremodo interessantes — e entre os primeiros a traducção do documento que o grande professor do Conservatorio de Leipzig, Julio Klengel, acaba de mandar ao nosso ministro, informando-o dos notaveis progressos que tem feito a sua discipula e nossa gentil compatriota, a sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Suggia.

E' um documento que honra muito o nosso paiz, na pessoa da talentosa violoncellista, e muito gostosamente publicaremos quando o espaço nol-o permitta.